

ESPAÇOS SAGRADOS NA ÁSTY DE CORINTO ARCAICA

Alexandre Carneiro Cerqueira Lima*

Résumé

Nous voudrions comprendre l'organisation des espaces sacrés à Corinthe pendant les Bacchiades et les Cypsélides. L'espace de l'Acropole et de l'agorá avec les sanctuaires d'Hélios– Deméter et d'Apollon seront étudiés dans cet article.

Mots-clé: espaces; sanctuaires; dieux; Corinthe.

Resumo

Pretendemos compreender a organização dos espaços sagrados em Corinto durante os regimes dos Baquíades e dos Cypsélidas. O espaço da Acrópole e da agorá com os santuários de Hélios – Deméter e de Apolo serão estudos no presente artigo

Palavras-chave: espaços; santuários, deuses; Corinto.

*Minha alma canta/ Vejo o Rio de Janeiro/ Estou morrendo de saudade
Rio, teu mar, praias sem fim/ Rio você foi feito para mim
Cristo Redentor/ Braços abertos sobre a Guanabara...*

Essa letra foi escrita pelo maestro Antonio Carlos Jobim no ano de 1962. O maestro a compôs quando estava no interior do avião, sobrevoando a cidade do Rio de Janeiro, antes, portanto, de pousar. Jobim observa, do avião, a topografia, a paisagem, os contrastes entre montanhas, o litoral carioca e o mar. O poeta e maestro percebeu a mistura de cores; o azul do mar e o verde das árvores em morros ainda preservados. Ao lermos a letra

* Professor Dr. Adjunto de História Antiga do Departamento de História da UFF e do Programa de Pós-graduação em História (PPGH/ UFF), membro do Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (CEIA/ UFF).

de uma das mais conhecidas músicas da bossa, nova percebemos *lugares* e *espaços* caros aos cariocas, que falam, de certa forma, de sua história.

Toda essa paisagem o inspirou e o motivou a expressar seus sentimentos a sua cidade natal. Um dos marcos arquitetônicos apontados na canção é a estátua de Cristo Redentor. O morro do Corcovado com a estátua pode ser considerado, no sentido trabalhado por Marc Augé, um *lugar antropológico* (1994, p. 51-53). De acordo com Augé, o *lugar antropológico* possui três características, a saber: *identitário*, relacional e histórico. O “Redentor” é um marco referencial para os cariocas. Vários habitantes da cidade procuram, no meio da paisagem, a estátua. Das janelas de suas casas, das janelas de carros ou ônibus, os cariocas tentam enxergar, entre os arranha-céus, a estátua de braços abertos. Essa obra foi inaugurada em 12 de outubro de 1931. A idéia do projeto é interessante: a estátua encontra-se de braços abertos, voltada para o sol nascente, como se estivesse recebendo o estrangeiro, o viajante, o carioca, ou mesmo, o fiel.

Além desse marco arquitetônico, o carioca construiu sua identidade por meio de outros *lugares* e *espaços*. A vasta orla, com suas praias e suas “faixas de areia” foi sendo ocupada por distintos grupos e suas respectivas práticas.¹ Os banhistas desta vasta *espacialidade* – orla carioca – podem ser os moradores do próprio bairro litorâneo e pertencerem à classe média alta da cidade. Outros cariocas são identificados como os “suburbanos”, pois vivem em bairros mais afastados e, geralmente, freqüentam outros trechos da areia. Ou, então, ocorre a mistura entre grupos, mas fica entre eles um dito de “grã-finos” e de “farofeiros”, que se encontram e se estranham nos fins de semana e feriados. A orla possui marcas visíveis a quem freqüenta a praia da zona sul como, por exemplo: o trecho das mães, das vovós e o das babás que cuidam das crianças; os rapazes e moças que esculpem meticulosamente seus corpos nas academias e vão expô-los na praia; a bandeira arco-íris que delimita o espaço permitido para a prática do homo-erotismo (entre homens e entre mulheres). Não podemos nos esquecer dos turistas, que se banham, protegidos por seguranças, na faixa em frente aos hotéis.

A praia é um *espaço*. Michel de Certeau nos explica que o *espaço* é o *lugar* praticado (1996, p. 202). Assim sendo, a praia pode ser decomposta em diferentes *espacialidades* e em distintos usos e práticas nesses espaços. Além da areia e de suas faixas, os cariocas se encontram nos bares para

beber, discutir sobre qualquer tipo de assunto, estreitando os laços de amizade e de vizinhança. O calçadão e a ciclovia completam o quadro espacial da praia da zona sul carioca.

Por fim, não poderíamos deixar de mencionar um dos mais significativos lugares: o estádio Mario Filho, mais conhecido como “Maracanã”. O estádio foi inicialmente concebido para abrigar os jogos de futebol da Copa do Mundo de 1950. Entretanto, tal marco arquitetônico foi utilizado também para outras finalidades, como: shows, apresentação de grupos e cantores de diversos gêneros musicais, festivais e, até mesmo, palco de cultos religiosos.

Por meio dessa experiência de “ser carioca”, impregnados por esses referenciais *espaciais* e de toda a polissemia que eles representam, direcionamos nosso olhar para a pólis dos coríntios.

Os coríntios também, ao percorrerem o território de sua pólis, identificavam diversos *espaços* e marcos arquitetônicos. Esses lugares proporcionaram a criação de laços de amizade e de solidariedade entre os cidadãos homens, entre as mulheres, bem como entre os estrangeiros domiciliados na região do Istmo. Cada lugar ocupado e transformado, tanto na *ásty* quanto na *chôra*, foi palco de diferentes práticas e de distintas leituras.

Neste artigo, trabalharemos com três espaços situados na *ásty* de Corinto: a acrópole, o santuário de Deméter e o santuário situado na “colina de Apolo”. Para melhor analisarmos estes espaços, dialogaremos com os conceitos, noções e idéias forjados por Marc Augé (1994) e Michel de Certeau (1996). Completaremos a análise espacial, destacando os cultos e os rituais praticados nesses espaços. Desta forma, estaremos interessados em compreender os arranjos politeístas na pólis de Corinto, durante a Tirania dos Cypséidas (620-550 a. C.). Para tal, seguiremos as idéias de Marcel Detienne em suas obras **Comparar o Incomparável** (2000) e **Les Grec et Nous** (2005).

Os coríntios da *agorá* avistavam a acrópole. Nesse espaço cultural, eles edificaram os santuários de Hélios e de Aphrodite. No VIII século a.C., o culto à divindade solar representava a *arché* do *génos* responsável pelo *synoecismo* – os Baquíades. O Sol, “olho que tudo vê”, não é somente um culto ligado à soberania da elite política dominante. É também um culto dedicado a uma divindade que irradiava sua atuação para a esfera rural. O sol – fonte da vida – é imprescindível para o agricultor e uma boa colheita

(SÓFOCLES. **Édipo Rei** vv. 1382-1431). Além desse aspecto, o santuário de Hélios na acrópole não pode ser compreendido isoladamente. Na encosta norte da Acrocorinto, foi edificado o santuário de Deméter e Koré. Fica aqui reforçada no complexo cultural – santuários de Hélios e de Deméter – a experiência do homem do campo, quer dizer, os aspectos da fecundidade e da fertilidade presentes no espaço urbano da cidade. Durante as *thesmophoriai* – festas em honra a Deméter – ocorria a integração entre camponeses e cidadãos. Campo e cidade se fundiam durante o momento dos festejos a Deméter. Nessa ocasião, as mulheres organizavam sacrifícios de porcos e ofertavam objetos às divindades agrícolas. Os principais objetos votivos encontrados no santuário foram: estatuetas de terracota com a representação de mulheres carregando porcos; bandejas de barro em forma de *liknon*; pequenos bolos, pães e frutas colocados no interior das bandejas de barro; além de vasos, brinquedos e outros objetos (BOOKIDIS, 1987). A ocupação do espaço do santuário remonta ao VIII século a. C. Entretanto, os *hestiatória* – salas de banquetes – só foram edificados no VI século a. C., após a tirania cypsélida (BOOKIDIS, 1997, p. 22).

Voltando à Acrocorinto, a acrópole da cidade: esse espaço cultural obteve uma significativa atenção por parte dos tiranos cypséidas. Interessados em apagar a “memória” dos Baquíades, apagar o tempo em que a pólis era conhecida como Heliopólis, eles edificaram no mesmo espaço, quer dizer na acrópole, o santuário de Aphrodite (PAUSÂNIAS. **Descrição da Grécia II**, 4, 6). O culto à deusa do amor e da *sedução* abriu a possibilidade de outros grupos poderem circular na acrópole. Aphrodite, por meio de suas sacerdotisas – as *hiérodoules* –, recebia os estrangeiros, em especial, os comerciantes de passagem pelo Istmo, em rituais de hospitalidade (ESTRABÃO. **Geografia VIII**, 378-379, [20]). Desta forma, percebemos que, em sua política urbanística e cultural, os tiranos procuraram angariar apoio de boa parte do *dêmos* dos coríntios. Neste complexo cultural – Acrocorinto e santuário de Deméter e Koré –, agricultores, mulheres e comerciantes tiveram especial atenção.

Quando rumamos para a *agorá*, a praça da cidade, iremos nos deparar com vários marcos arquitetônicos significativos para os antigos coríntios. A *agorá* sintetizava vários aspectos da vida da pólis. Em um mesmo lugar, no centro, no espaço público, podemos identificar vários marcos relacionados à política, à experiência religiosa e à prática comercial (COULET, 1996,

p. 56-58). Aqui fica materializada a noção de *és mésos*, ou seja, de “centro”, de “público”, estudada por Marcel Detienne (1965). Trabalharemos com um desses espaços: o templo da colina.

Durante muitos anos, esse espaço sagrado foi palco de discussões entre os estudiosos. As hipóteses oscilavam entre três cultos na área do templo, a saber: Athená, Héra e Zeus (BOOKIDIS, 2003, p. 249). Recentes pesquisas apontam para a hipótese de rituais dedicados a Apolo. Nancy Bookidis e Ronald Stroud advogam que, desde o período arcaico, o culto apolíneo já era praticado na colina do templo, a “colina de Apolo”. Os arqueólogos da escola americana estudaram uma inscrição em uma *pínax* – placa de argila – encontrada nos arredores do sítio, durante a expedição de 1902. Tal inscrição estava endereçada a Apolo. Eles compreenderam que Apolo foi a divindade cultuada no “*templo dórico do período arcaico grego na colina do templo*” (BOOKIDIS, 2004, p. 423).

Outra evidência bem conhecida é o *aryballos* (580-575 a.C.), que contém a representação da dança – *bíbasis* – encontrado no *témenos* do mesmo santuário (BOOKIDIS, 2004, p. 413). De acordo com Mary C. e Carl A. Roebuck, trata-se de um “coro” de jovens competindo durante uma festa (1955, p. 160). A inscrição no *aryballos* indica que é uma cena de dança e que o vaso foi um prêmio recebido pelo líder do coro, ou uma peça comemorativa encomendada para recordar a vitória de Pyrrias em um concurso de dança. Eis a tradução e transliteração da inscrição em alfabeto coríntio: “*Polyterpos. Pyrrhias lidera os dançarinos; e para ele, ele mesmo, uma ólpe*”. A inscrição nos dá a idéia de preenchimento da superfície do *aryballos* e também noção de que as letras acompanham os movimentos da dança, divulgação da música e reforça a mensagem de que se tratava de uma competição na qual havia um vencedor. A dança representada nesse vaso é uma *bíbasis*. Seus movimentos consistiam em saltar e tocar as nádegas com os pés: o maior número de pulos determinava o vencedor. O vencedor deste *agón* – Pyrrhias – teve como prêmio uma *ólpe* pintada.

Arýballos com a representação de Bíbasis



A partir da apresentação desses dados, podemos formular a seguinte questão: *esse ritual era praticado em honra a Apolo?* Sim. Acreditamos que a dança fazia parte do culto a Apolo na área da colina, na *agorá* de Corinto. Um grupo de jovens rapazes, participando de uma experiência, ao mesmo tempo, religiosa e competitiva. Lembremos que Apolo é *kúrios*, ou seja, divindade sempre jovem e viril (MURIEL, 1995, p. 69-70). Hélios e Apolo são deuses da Acrocorinto e da *agorá* respectivamente. Eles fazem parte dos processos de *synoecismo* e da colonização coríntia voltada para o Ocidente. O templo edificado na colina está a poucos metros da via para Léchaion, o porto de Corinto voltado para o Ocidente. Tanto para os Baquíades quanto para os Cypséidas, o culto de Apolo foi significativo para estimular as expedições dos colonizadores. Marcel Detienne explica que Apolo atua também no ato da fundação de *apokiai* (colônias, *emporía* e *póleis*), ele é *archegétes* – fundador (DETIENNE, 1998, p. 92-96). O *oikistés* – colonizador – consulta sempre a divindade *archegétes* em Delfos, no momento de preparação da expedição colonizadora (DETIENNE, 1998, p. 106).

Quando confluímos os arranjos politeístas com a ocupação/edificação de santuários na *ásty* de Corinto, percebemos a atenção, por parte dos regimes – Baquíades e Cypséidas –, para quatro cultos: o de Hélios/ Aphrodite/ Deméter no espaço da Acrópole, e o de Apolo na *agorá*, na colina. Todos eles foram organizados no centro da vida cívica e pública da *ásty*. Essas quatro divindades representavam as escolhas politeístas dos regimes em Corinto do VIII ao VI séculos a. C. Tais escolhas atingiam as esferas econômica, política e social da pólis. Duas delas garantiam, principalmente, o *synoecismo* – Hélios – e a colonização – Apolo. Já as outras duas – Deméter e Aphrodite – insidiam diretamente em grupos específicos e suas respectivas atividades, quer dizer, com os agricultores e comerciantes.

Ao percorrermos as ruas, a *agorá*, a via de Léchaion com suas lojas e a acrópole, os coríntios, no centro do espaço urbano, identificavam referenciais sagrados – templos, estátuas e altares – que materializavam suas escolhas politeístas. Os ritos realizados nesses espaços possibilitavam a criação da identidade coríntia e, ao mesmo tempo, o reconhecimento das alteridades (AUGÉ, 1998, 19). O *Outro* aflora no momento do rito, ou seja, no contado do cultuador com a potência sobrenatural (BRELIICH, 2003, p. 26). E também no contato *dialógico*, baseado na diferença, entre o *Eu* coríntio e o *Outro* estrangeiro. Quando, por meio das indumentárias, dos gestos e da língua, há o reconhecimento da diferença, e durante rituais – hospitalidade, festas, danças – todos se encontram, são criados laços, relações e conflitos. O culto a Deméter, na *ásty*, possibilitava também o encontro do camponês com o cidadão, os elementos rural e urbano se mesclavam no centro da vida *políade*. Ao mesmo tempo, as mulheres tomavam vulto durante as *thesmophoriaí*.

Acreditamos que a pólis dos coríntios estava, desde a sua fundação, voltada para o contato com o elemento estrangeiro.² O Istmo sempre foi uma região de contatos por meio de suas vias que cruzavam o território. Poseidon, no Istmo, Apolo e Aphrodite, no espaço urbano, nos dão indícios de uma preocupação constante, por parte dos regimes do VIII a meados do VI séculos a. C., em estabelecer contatos marítimos. O comércio, a navegação e a colonização serão práticas valorizadas na pólis. Portanto, a *espacialidade* coríntia (com seus principais marcos arquitetônicos) foi criada para atender a esta necessidade de reconhecer e de se relacionar com o *Outro* e com outros espaços – os mares antes navegados somente por Odisseus.³

Documentação textual

PAUSANIAS. **Description of Greece**. Books I and II. Trad. W.H.S. Jones
Cambridge: Harvard University Press, 1992.

SOPHOCLE. **Oedipe Roi**. Trad. Robert Pignarre. Paris: Flammarion, 1964.

STRABON **Géographie**. Tome VII (Livre X). Trad. F. Lasserre. Paris: Les
Belles Lettres, 1971.

Documentação material

BOOKIDIS, N. and STROUD, R.S. **Demeter and Persephone in Ancient
Corinth**. American School of Classical Studies at Athens, 1987.

BOOKIDIS, N. and STROUD, R.S. **Corinth Vol XVIII, Part III: The
Sanctuary of Demeter and Kore: Topography and Architecture**. New
Jersey: American School of Classical Studies at Athens, 1997.

BOOKIDIS, N. The Sanctuaries at Corinth. *In*: WILLIAMS II, C.K. and
BOOKIDIS, N. (org) **Corinth Vol. XX – Corinth, The Centenary 1896-
1996**. American School of Classical Studies at Athens, 2003.

BOOKIDIS, N. and STROUD, R.S. Apollo and the Archaic Temple at
Corinth. **Hesperia**, 73, 2004, 401-426.

ROEBUCK, C. A. and Mary C. A Prize Aryballos. **Hesperia**, 24, 1955, 158-
163.

Bibliografia

AUBRETON, R. **Introdução a Homero**. São Paulo: Faculdade de Filosofia
– USP, 1956.

AUGÉ, M. **Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da
Supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

_____. **A Guerra dos Sonhos: Exercícios de Etnoficção**. Campinas:
Papirus, 1998.

BRELICH, A. Prologomènes à une Histoire des Religions. *In*: PUECH, H.-
Ch. (org) **Histoire des Religions I**. Paris: Gallimard, 2003 (1970).

CERTEAU, M de. **A Invenção do Cotidiano: 1 Artes de Fazer**. Petrópolis:
Vozes, 1996.

COULET, C. **Communiquer en Grèce Ancienne: Écrits, Discours, Information, Voyages**. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

DETIENNE, M. En Grèce Archaïque, Géométrie, Politique et Société. **Annales ESC**, 20, 1965, 425-441.

_____. **Apollon: le Couteau à la Main**. Paris: Gallimard, 1998.

_____. **Comparer l'Incomparable**. Paris: Seuil, 2000

_____. **Les Grecs et Nous: une Anthropologie Comparée de la Grèce Ancienne**. Paris: Perrin, 2005.

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2006 (1968).

MALKIN, I. Ulysse Protocolonisateur. **Mediterraneo Antico – Economia, Società, Culture**, II, 1, 1999, 243-261.

MURIEL, C. E. **Grecia: Sobre los Ritos y las Fiestas**. Granada: Universidad de Granada, 1990.

Notas

¹ No ano de 2007, duas diretoras cariocas, Flávia Lins e Silva e Daniela Kallman, se uniram e realizaram um documentário intitulado *Faixa de Areia*. Nesse filme, elas apresentam um panorama sobre a ocupação das praias cariocas.

² O comércio e a navegação foram atividades preponderantes para a urbanização de Corinto, ou seja, a ocupação espacial, a edificação de santuários e as escolhas politeístas estiveram atreladas ao reconhecimento das alteridades. Essa hipótese surgiu por meio da leitura e das reflexões de Henry Lefebvre acerca da urbanização moderna. Lefebvre afirma que a industrialização cria espaços e transforma profundamente a cidade (LEFEBVRE, 2006, p. 9).

³ Estamos pensando aqui em uma *espacialidade* concreta – santuários, templos, estátuas, prédios – bem como em uma *espacialidade* abstrata e simbólica. A navegação e o mar fomentaram a idealização de lugares simbólicos. As viagens de Odisseus podem ser interpretadas como indícios de viagens e reconhecimento, por parte dos helenos, do Mediterrâneo. Odisseus foi considerado um pré-colonizador e, seguindo a hipótese de E. Mireaux, Robert Aubreton afirma que “seria o poema da colonização coríntia nos mares do Ocidente, onde, nessas regiões difíceis, os habitantes de Cócira desempenham, para Corinto e seus aliados da Eubéia, o papel de barqueiros pilotos em direção às feitorias da Magna Grécia, fornecedores de estanho da costa ocidental italiana.” (AUBRETON, 1956, p. 142; MALKIN, 1999, p. 249).